

## **Contribuições da fotografia para a saúde silvestre: Diogo Lagroteria, veterinário**

Quando o assunto é o ambiente, abre-se um universo de contribuições para a conservação seja como ferramenta de denúncia, mobilização, esclarecimentos, mudanças de comportamentos, apoio ao diagnóstico de doenças e busca de soluções, entre outras.

O médico veterinário Diogo Lagroteria relatou sua contribuição para minimizar o surgimento e a transmissão de doenças entre a vida silvestre e humanos e disse que o apoio ao diagnóstico é um dos benefícios mais interessantes. A fotografia que utiliza uma variedade gráfica infinita, traz uma outra perspectiva podendo provocar esclarecimentos, questionamentos, mudanças de comportamento e auxiliar na busca por soluções de problemas, tratamentos e diagnósticos de doenças.

Diogo disse que é comum receber animais com sequelas de maus tratos e os registros fotográficos servem de apoio para denúncias, peças publicitárias, reportagens jornalísticas, relatórios e outros materiais.

Como ferramenta de apoio ao diagnóstico, Diogo fotografa e compartilha com outros pesquisadores situações de achados clínicos e recebe apoio para o entendimento do “problema” e fechamento do diagnóstico.



Foto de Diogo Lagroteria

No campo da denúncia, a fotografia tem cumprido seu papel de ajudar a população ao alertar e auxiliar na solução de problemas do meio ambiente.

A foto abaixo é um exemplo de registro fotográfico que denuncia a destruição das praias e mares. Tirada por Diogo no Parque Nacional do Superagui, Paraná, em 01 de janeiro de 2013, a foto já foi apresentada em diversas exposições além de ilustrar reportagens.

[Clique aqui para ler a matéria na íntegra](#)

## **REDE PARTICIPATIVA EM SAÚDE SILVESTRE**

A cada boletim teremos matérias de autoria dos especialistas das Redes em Saúde Silvestre, como espaço aberto para divulgação de trabalhos, pesquisas, opiniões e divulgação de informações relevantes de nossos membros.

### **PARTICIPE!**

**Envie seu texto para o “Fale com o CISS” do site.**

Diogo Lagroteria, médico veterinário e integrante da Rede Participativa em Saúde Silvestre, se interessou ainda criança pela fotografia e a utiliza como ferramenta do seu trabalho junto a fauna silvestre desde 2005, quando se mudou para Manaus.



“Uso a fotografia como ferramenta para ajudar em questões relacionadas à doenças e diagnósticos fotografando necropsias, achados clínicos, particularidades anatômicas e outras situações que ajudam na troca de informações entre colegas que trabalham com conservação e diagnósticos além de servir como forma de divulgação em trabalhos científicos, congressos e workshops”, disse Diogo.

## Dimensões Humanas da Saúde Silvestre

Silvio Marchini e Katia Ferraz

Um senhor que costumava frequentar as margens do rio Piracicaba para pescar morreu de febre maculosa, engrossando a lista de vítimas dessa doença altamente letal que é causada pela bactéria *Rickettsia rickettsii* e transmitida pela picada do carrapato-estrela, cuja principal hospedeira é a capivara. No maior parque urbano da cidade de Maringá, no interior do Paraná, vários saguis são encontrados mortos. Por precaução, o parque é fechado ao público. Exames de laboratório põem fim ao mistério, revelando que as mortes tinham sido causadas por herpes, certamente contraído de humanos. No Rio de Janeiro, uma epidemia de dengue, disseminada pelo mosquito *Aedes aegypti*, causa dezenas de mortes. As notícias da tragédia afastam os visitantes que eram esperados para o feriado de Tiradentes, resultando em um prejuízo superior a 30 milhões de reais ao setor turístico. As zoonoses – doenças que são transmitidas de animais para humanos ou de humanos para animais – constituem, de fato, séria ameaça à conservação da vida silvestre, à economia, e à saúde de animais e humanos.

Os exemplos acima, todos reais, ilustram a diversidade de doenças, patógenos, vetores, hospedeiros, ambientes e impactos sociais e econômicos que compõem o universo da Saúde Silvestre. Por mais variadas que possam parecer as três situações, elas têm algo em comum: foram causadas por comportamentos humanos. A vítima de febre maculosa ignorou a sinalização de perigo colocada pela prefeitura de Piracicaba nas áreas infestadas por carrapatos. Visitantes do parque em Maringá, talvez com boas intenções mas pouco conhecimento, ofereceram bananas ou biscoitos aos saguis, mas antes mordeceram o alimento, contaminando-o com o herpesvirus em sua saliva. A população do Rio de Janeiro, a exemplo da de outras áreas endêmicas de dengue, descuidou dos reservatórios de água em suas casas que servem de criadouros para o vetor da doença. Os turistas que deixaram de visitar o Rio, por outro lado, foram cuidadosos, embora outros cuidados, como o uso de repelente, talvez tivessem garantido uma visita segura, sem prejuízos para a economia.

[Clique aqui para ler a matéria na íntegra](#)



Foto de Amanda Flávia Marini



Foto de Silvio Marchini



Foto de Marcella Claine



### Silvio Marchini e Katia Ferraz

Silvio Marchini é Biólogo, PhD em Conservação da Vida Silvestre pela Universidade de Oxford e pós-doutorando no Programa Interunidades de Pós-Graduação em Ecologia Aplicada da ESALQ/CENA/USP.

Katia Ferraz é Bióloga, Professora Doutora do Departamento de Ciências Florestais (LCF) da ESALQ/USP. Coordena o Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação de Fauna Silvestre (LEMAc, LCF/ESALQ/USP).

# Tempo para um “checkup”: Pesquisadores examinam a saúde da Anta Brasileira

Tradução a partir da matéria de Heather D’Angelo (mongabay.com)

A anta-brasileira (*Tapirus terrestris*) tem uma má fama no Brasil, onde chamar uma pessoa de anta pode significar chamá-la de burra. No entanto, a história tem mostrado que esta espécie merece muito mais respeito.

Este ousado “fóssil vivo” sobreviveu à múltiplos eventos de extinção desde o Eoceno (era geológica), ainda que sua capacidade de sobreviver ao presente Antropoceno permaneça incerta.

No Brasil, grande parte das populações remanescentes de antas encontra-se em habitats isolados e distribuídos em quatro biomas distintos: a Amazônia, a Mata Atlântica, o Pantanal e o Cerrado. Dado que as antas se reproduzem à uma taxa extraordinariamente lenta de um filhote a cada 14 meses de gestação, na melhor das hipóteses, essas populações são naturalmente vulneráveis. Isso combinado com ameaças antrópicas como a destruição do habitat, a caça e a exposição a doenças infecciosas coloca a Anta Brasileira na lista de animais vulneráveis à extinção na Lista Vermelha da IUCN.

Felizmente, cientistas brasileiros estabeleceram a Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira (INCAB), com a meta de proteger o futuro desta importante espécie por meio de, uma pesquisa de longo prazo voltada diretamente a programas de conservação.

## PESQUISADORES:

### Patrícia Medici

- Coordenadora, Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira, IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas
- Chair, IUCN/SSC Tapir Specialist Group (TSG)

### Renata Carolina Fernandes Santos

- Veterinária, Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira, IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas;
- Co-Coordenadora IN SITU, Comitê Veterinário, IUCN/SSC Tapir Specialist Group (TSG);
- Pesquisadora, TRÍADE - Instituto Brasileiro para Medicina da Conservação

### Paulo Rogerio Mangini

- Diretor-Presidente & Pesquisador Sênior da TRÍADE – Instituto Brasileiro Para Medicina da Conservação;
- Membro Voluntário da IUCN/SSC – Tapir Specialist Group (TSG);
- Membro Voluntário da IUCN/SSC – Wildlife Health Specialist Group (WHSG);

[Clique aqui para ler a matéria na íntegra](#)



Rita, uma fêmea adulta

Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira (INCAB)



Anestesia

Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira (INCAB)

## Probio II realiza workshop de encerramento com os beneficiários do projeto, em Brasília

Cerca de 60 colaboradores do Projeto Nacional de Ações Integradas Público-Privadas para Biodiversidade, denominado Probio II, participaram do workshop de encerramento do projeto no dia 03 de dezembro no MMA (Ministério do Meio Ambiente), em Brasília.

O Probio II é uma iniciativa nacional coordenada pelo MMA que ao longo de seis anos reuniu projetos beneficiários dos ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, do Desenvolvimento Agrário – MDA, da Saúde – MS, da Ciência e Tecnologia – MCT, além do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade- ICMBio, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJ, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa e da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz.

A mesa de abertura foi composta pela Gerente do Banco Mundial, Adriana Moreira, pelo Diretor do Departamento de Conservação da Biodiversidade do MMA, Carlos Alberto de Matos Scaramuzza, pela diretora executiva de Fundos da Caixa, Deusdina dos Reis Pereira e pela secretária-geral do FunBio, Rosa Lemos de Sá.

[Clique aqui para ler a matéria na íntegra](#)



## CISS realiza oficina da Série Vetores com os premiados da Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (OBSMA)



A VII Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (OBSMA) realizada em dezembro de 2014, na Fiocruz do Rio de Janeiro, premiou seus vencedores com um kit da Série Vetores, além de medalhas e placas comemorativas.

Alunos e professores premiados participaram também da oficina de montagem dos vetores realizada em conjunto com a Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz/ Fiocruz.

O kit traz 6 modelos tridimensionais em EVA que ganham a forma de carrapato, barbeiro, mosquito-prego, mosquito-palha, borrachudo e pulga.

Ao serem montados, os vetores despertam a percepção da complexidade dos processos adaptativos das espécies e geram discussões sobre a transmissão de doenças e sua relação com a perda da biodiversidade. Por isso, podem ser usados para qualquer tipo de atividade educativa que aborde as relações da saúde silvestre e humana.

Os modelos foram criados pelo ilustrador científico Renato Moraes e coordenado pela pesquisadora Marcia Chame.

[Clique aqui para ler a matéria na íntegra](#)